

A escola que não temos - a educação que queremos

Pesquisa revela a escola que queremos para realizar a educação sonhada pelas comunidades. No centro da questão está a vivência dos valores universais positivos

Prof. Roberto

Em meu livro, Educação Sustentável – A importância da educação fundamentada em valores para a construção de um mundo sustentável - recentemente publicado, e em vários artigos, defendo o despertar do cérebro ético – aquela região de nosso córtex prefrontal responsável por toda experiência relacionada à vivência dos valores universais positivos - o desenvolvimento da inteligência ética - inteligência ética é todo potencial que o indivíduo tem de vivenciar os valores, plenamente desenvolvido - como caminho para a construção de uma cultura de paz. A escola como centro criador das oportunidades para a aprendizagem dessa vivência.

Pesquisa recente, realizada em três povoados litorâneos, com cerca de quatro mil pessoas, no sul da Bahia, envolvendo 205 crianças e jovens e 120 adultos, entre pais, professores e membros da sociedade, mostrou que a população está bem consciente de seus defeitos e de seus sonhos. Revelaram também que sabem quais são os meios necessários para conseguir a realização de seus ideais.

O estudo revelou que os jovens não vivenciam valores como obediência, interesse pelo estudo, tolerância, responsabilidade, disciplina, solidariedade, dentre outros. A falta desses valores é o que leva os jovens a praticarem comportamentos de risco, afirmam os especialistas em comportamento. Os próprios jovens relataram isso nesse estudo.

Indagados de como seria a comunidade ideal naquele lugar em 2018 e quais qualidades deveriam ter os jovens para vivenciar na situação ideal, eles declararam exatamente a vivência dos valores universais positivos, tais como a humildade, obediência, honestidade, dedicação ao estudo e ao trabalho, dentre outros, para a consolidação da comunidade ideal.

Para conseguir a realização pessoal e profissional, além da criação de uma cultura de paz social, os entrevistados consideraram como essencial: o afetivo, o escolar, o lazer, cultural, estrutural e financeiro.

A população revelou que a escola deve ser o centro comunitário catalisador da convivência e de desenvolvimento pessoal, além, de seu papel fundamental, de formação intelectual. Essa escola deve ter professores mais preparados e motivados; cursos de pequena duração (de cabeleireiro, marceneiro, culinária, informática, dentre outros); local para esportes, para dança, capoeira, acesso a peças teatrais, cinema, oficina de artes, aulas de canto e música e valorização das antigas brincadeiras. A escola deve ter água boa pra se beber, horta comunitária, melhoria das ruas e estradas.

Os jovens se mostraram muito mais interessados em uma convivência social saudável, na busca por uma cultura de paz social em que prevaleça a vivência dos valores, do que objetos de consumo e bens materiais.

Esse estudo mostra a importância das escolas como centros de convivência, muito além de seu atual trabalho de educação formal. Através dessa convivência é que se desperta o cérebro ético, desenvolve-se a inteligência ética. Os próprios jovens demonstraram a vontade de terem aulas de natação, dança, flauta, piano, música em geral e preparo profissional.

É notório que o país não tem um plano educacional que atenda às necessidades da população. Ficou claro que a população sabe o que quer. Não dá para esperar pela vontade política para ouvir o povo, para se desencadear a educação sonhada pela sociedade. Daí a importância da ação da própria comunidade.

Acredito seja possível o próprio município dar o pontapé inicial, para a realização desse sonho comunitário. Justamente no momento em que se aponta para a participação da comunidade nas decisões políticas locais. A partir das bases, construir a escola que não temos, mas, que é desejada e possível, para a realização da educação que queremos.

Fonte: <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-escola-que-nao-temos-a-educacao-que-queremos/74904/>